

---

## **O afeto e a falta: corpo preto, hiperssexualização e amor na obra do rapper Rico Dalasam<sup>1</sup>**

Antonio Teofilo PINHEIRO NETO<sup>2</sup>

Daniel Rodrigo Meirinho de SOUZA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### **RESUMO**

O afeto negro é impactado pela hiperssexualização. Se negro e gay, esse impacto é maior. É um desperdício um negro "lindo" ser gay. Rico Dalasam entrelaça a luta contra o desafeto negro e a normatividade majoritária do rap, através do queer rap. Considerado, inclusive, o precursor da modalidade no Brasil. Objetivando compreender como Dalasam utiliza suas letras como veículos para explorar emoções e questionar dinâmicas sociais relacionadas às identidades raciais e sexuais, aplicou-se a análise de discurso, como metodologia, nas músicas *Não Posso Esperar* (2015), *Honestamente* (2016), *Não vem brincar de amor* (2017), *Reflex* (2020), *Não é comigo* (2021), *Última vez* (2021) e *Tarde D+* (2022). Com isso, concluiu-se que o amor branco, mesmo entre pessoas racializadas, tem sido adotado como um modelo a ser seguido. Apesar de falho, se enraizou no solo fértil do racismo estrutural de nossa sociedade. Desse modo, essa pesquisa contribuiu para a ampliação do conhecimento acadêmico acerca das relações entre afeto e raça, sexualidade e identidade, evidenciando o poder da arte, da comunicação e da música como ferramentas de expressão, resistência e transformação social.

**PALAVRAS-CHAVE:** afeto negro; hiperssexualização; sexualidade; rap; Rico Dalasam.

### **RAP, RAÇA, SEXUALIDADE E AFETO: COMO RICO DALASAM FALA DE AMOR E HIPERSSEXUALIZAÇÃO?**

De acordo com Forman (2002), o hip hop emerge como um movimento cultural multifacetado, cuja fundação é sustentada por quatro elementos distintos: rap, breakdance, graffiti e DJing. Cada um desses elementos possui uma história peculiar e um significado intrínseco, todavia, sua combinação intrincada proporciona a formação de uma cultura enraizada nas paisagens urbanas, primordialmente envolvida com questões sociais, econômicas e políticas. Sendo o rap um dos quatro componentes do movimento cultural do hip hop, “ritmo e poesia” é uma forma de expressão cultural que surge desse

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Júnior - J08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Bacharelado do curso de graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, email: [fotheografias@gmail.com](mailto:fotheografias@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor Doutor do curso de graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, email: [danielmeirinho@hotmail.com](mailto:danielmeirinho@hotmail.com)

---

movimento e se torna uma das formas mais influentes de música e cultura popular em todo o mundo. Não somente um movimento musical, o rap tem sua existência firmada a partir da experiência de um movimento estético e cultural que transcende as fronteiras da música. Sua essência vai além das batidas e melodias, envolve um movimento estético e cultural enraizado na experiência coletiva de comunidades marginalizadas.

Entrando na discussão de gênero e sexualidade dentro desse movimento, encontramos o queer rap, que, alinhado aos meus objetivos de pesquisa, questiona e discute as questões de gênero, raça, sexualidade e até expressão corporal. Enquanto uma pessoa que admira a cultura e o movimento criado em torno do que o rap representa, e que também questiona gênero, entendo essa pesquisa sobre queer rap como parte de um processo identitário pessoal meu. Sendo, particularmente, meu gênero musical favorito, é também um dos diversos subgêneros do rap que se concentra em desafiar as normas e estereótipos de gênero e sexualidade através de novas formas de expressão artística e sonora. Criado para reivindicar um espaço do movimento hip hop norte-americano, passou a denunciar a violência contra a população LGBTQIAP+. Também é conhecido pelos nomes LGBT Hip Hop, Gay Hip Hop, Homo Hip Hop, Queer Hip Hop, entre outras denominações. [...] "Com roupas extravagantes que compõem uma mistura de elementos femininos e masculinos, coloca no corpo o ser diferente, o impacto do incomum, aborda a tripla exclusão: a do negro, do pobre e do homossexual. O aspecto visual, por si só, mostra que o hip hop pode denunciar essas exclusões e dar visibilidade e voz aos excluídos." (EDDINE, 2018, p. 360). Sendo o queer rap, uma forma de arte que busca criar espaços mais inclusivos e abertos para pessoas LGBTQIAP+ na cultura hip hop, um gênero que tradicionalmente tem sido bastante homofóbico e machista. Os artistas queer do rap frequentemente adotam posturas e estilos que desafiam as expectativas de gênero e sexualidade, questionando as categorias binárias e fixas de masculinidade e feminilidade, e abrindo espaço para uma maior diversidade e liberdade de expressão. O queer rap é uma forma de resistência cultural e política, que celebra a autoexpressão, a identidade e a diversidade.

Partindo da ideia de Orlandi (2012) que a Análise do Discurso implica em entender “como” o texto significa e não “o que” o texto quer dizer, já em “A ordem do discurso”, Foucault diz que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder de que queremos nos apoderar” (FOUCAULT,

1996, p. 10) o que traduz em partes a motivação desse trabalho em analisar o discurso textual nas letras das canções do rapper Rico Dalasam, com base em análises bibliográficas sobre o movimento hip hop, sexualidade, racismo e escravização apresentadas ao longo da pesquisa, tendo como foco a hiperssexualização e a representação social do corpo do homem negro, à luz do que o psiquiatra e filósofo Frantz Fanon discute em "Pele negra, máscaras brancas". Ouvir a vivência do afeto sob a perspectiva do artista Rico Dalasam, através da análise das músicas *Não Posso Esperar* (2015), *Honestamente* (2016), *Não vem brincar de amor* (2017), *Reflex* (2020), *Não é comigo* (2021), *Última vez* (2021) e *Tarde D+* (2022) nos ajudará a entender, em uma espécie de caminhada pela carreira de Dala, como o artista aborda a hiperssexualização e a representação social do corpo do homem negro em sua produção e discutir as contribuições da obra para a compreensão e desconstrução da hiperssexualização e da representação social do corpo preto e marginal.

A expressão artística de Rico Dalasam é emblemática para diversas comunidades, especialmente para mim, que nesse ponto me identifico com as vivências e desafios enfrentados por ele. Rico é um artista brasileiro conhecido por fazer música sobre empoderamento, resistência, igualdade e superação de forma autoral e autêntica, carregando a discussão sobre a vivência do afeto sob sua perspectiva em com letras que imprimem à sua identidade como homem negro, gay e periférico. Destacando a relevância de adentrar no campo da interseccionalidade proposta por Crenshaw (1991) para acrescentar à discussão sobre corpos pretos as marcas de uma vivência social com recortes de gênero e sexualidade. Sendo assim, o trabalho aborda questões como o racismo estrutural, a homofobia, a masculinidade negra e as desigualdades sociais. Jefferson Ricardo da Silva, ou somente Rico Dalasam, se destaca no cenário musical nacional como rapper, cantor e compositor. Sua produção artística tem sido objeto de análises acadêmicas em diferentes áreas, como a sociologia, a antropologia, a música e os estudos culturais. Ele se notabiliza por uma sonoridade que combina elementos do rap, funk, soul e R&B, e por suas letras que exploram questões de identidade, sexualidade e luta contra a discriminação racial.

A hiperssexualização do corpo negro pode conduzir à objetificação desse corpo, que é reduzido a uma mera mercadoria sexual, sempre pronto para o consumo. Esse processo pode desencadear impactos negativos na autoestima e autoimagem do indivíduo, bem como contribuir para a propagação de estereótipos racistas e sexistas. A socióloga e

---

teórica Patricia Hill Collins, desenvolveu o conceito de "controle da imagem" em seu livro "Black Sexual Politics" (2004), que descreve como as imagens estereotipadas da sexualidade negra são utilizadas para reforçar a dominação racial e de gênero. Collins (2004) debate que "a sexualidade negra tem sido historicamente objeto de controle" e discute como "as formas de resistência à dominação racial e de gênero são continuamente negociadas."

A hipersexualização do corpo negro é uma forma de controle da imagem que reforça estereótipos de que os corpos negros são inerentemente sensuais, lascivos e insaciáveis, e essa ideia tem sido usada para justificar a violência contra as pessoas negras. (COLLINS, 2004, p. 83).

A hipersexualização também pode ser utilizada como justificativa para o racismo estrutural, que frequentemente promove a ideia de que o corpo negro é naturalmente lascivo e perigoso. Ainda, podendo resultar em discriminação, marginalização e violência. Em muitos casos, os homens negros são estigmatizados e rotulados, o que pode ocasionar preconceito e exclusão social. bell hooks(1995) relaciona o sistema colonial à desumanização do corpo da pessoa preta.

Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve de produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado (hooks, 1995, p. 469).

Agora, embarcaremos em uma jornada pela carreira de Rico Dalasam ao longo dos anos, explorando músicas lançadas entre 2015 e 2022. Com base na pesquisa, escritos e vivências dos teóricos apresentados anteriormente em contrapartida dos conceitos apresentados posteriormente, nossa análise visa examinar e questionar como determinados versos, de maneira inteligente e artística, refletem os debates sobre gênero, raça e sexualidade. Sons que transcendem a expressão musical e nos colocam enquanto observador atento e crítico da sociedade. Letras que exploram a interseccionalidade entre gênero, raça e sexualidade, de maneira que desafia estereótipos e agrega na construção da identidade de jovens negros gays. "A discografia de Rico Dalasam propõe olhares sobre homens Negros e homossexuais enquanto grupo socialmente vulnerabilizado." (SOARES, 2022, p 16).

A análise proposta segue uma linha do tempo, organizando as músicas de Rico Dalasam de acordo com o ano de lançamento. Como acompanhei os lançamentos no decorrer do tempo, desde meados de 2015, acredito que a abordagem permite traçar um

---

panorama evolutivo da carreira do artista ao longo dos anos, para observar - assim como fui percebendo a cada novo lançamento - o seu amadurecimento tanto musicalmente quanto nas suas reflexões.

Em 2015, Rico lança um EP de nome *Modo Diverso*, e nele uma música me chama mais atenção que as outras. Em meio a faixas que exalavam poder e ostentação no contexto raça, sexualidade e aceitação, uma me chama mais atenção que as outras logo de cara. A canção que abre o EP, a faixa de nome *Não posso esperar* (2015), expressa o sentimento de urgência em viver a vida plenamente, associando-o à importância das relações afetivas.

Os versos "Não posso esperar mais 10, 15 anos / Pra dizer como eu amo" refletem a necessidade de não adiar a expressão de afeto e a vivência intensa das emoções, uma introdução que conseguia transparecer tudo que viria ser a carreira do rapper nos anos seguintes, abordando temas como amor e liberdade. Para Cândido (2022), diante de um sistema que incentiva conflito entre pessoas pretas, o debate sobre o afeto é necessário. Pois, todo amor preto, seja entre casal ou amigos, é resistência. Trago hooks (2021), lembrar que o amor cura.

Rico ainda chama atenção quando traz o termo “grilhões” no contexto de barreiras sociais, preconceitos e medos que impedem as pessoas de amar livremente. Nos versos "Vale mais amar, seja como for / Tortura é viver em falsos grilhões / O medo é maior rival do amor / O mundo é melhor vivido a dois", Rico Dalasam exalta o amor como um movimento essencial e poderoso, independentemente das circunstâncias. Nesse verso, destaco o “medo”, que pode ter ou não ligação com um sentimento de inferioridade, e coloco um contraponto referenciando Fanon, que diz que "o amor autêntico permanecerá impossível enquanto não eliminarmos este sentimento de inferioridade" (FANON, 2008, p.54).

Estamos em 2016. Rico lança o álbum *Orgungua*. A música *Honestamente* (2016) é a sexta faixa do disco e parece conversar com a canção “Não posso esperar” do projeto anterior. Destaco a solidão e superficialidade do sexo casual - ou relações desprovidas de uma conexão mais profunda. O desejo de ser amado “seja como for” agora é colocado em cheque, quando Rico apresenta requisitos: "Quer cuidar de mim? / Entra no meu ritmo / Vive do meu íntimo / Te faço sorrir / Quer cuidar de mim? / Tem que ser legítimo / Se for só pra isso, amor / Tem tantos por aí", pensar no efeito do racismo em sua subjetividade é pensar em como o efeito estrutural disso gera uma sensação de

---

insegurança em relação ao seu valor próprio, mesmo quando está recebendo reconhecimento e amor de outras pessoas (FANON, 2008), nesses versos questionados. Rico ainda sugere que o cuidado deve ser baseado em uma conexão verdadeira, além de um mero interesse em satisfação física ou encontros casuais. Ele expressa que se o interesse for apenas por "isso", referindo-se ao sexo casual, existem muitas pessoas disponíveis para esse propósito.

O que vem a se afirmar, na canção *Não vem brincar de amor* (2017) parte do projeto *Balanga Raba* de 2017 onde reclama "Não vem brincar de amor / Se só for pra passar" ainda advertindo sobre a superficialidade das relações baseadas apenas no sexo casual.

A expressão "brincar de amor" indica um envolvimento superficial, em que o amor é tratado de forma lúdica, temporária e descompromissada, encontros passageiros, fugazes ou relações efêmeras, onde não exista comprometimento e envolvimento mútuo, momentos transitórios de prazer físico, o que lembra o conceito de amor líquido e aplicativos de relacionamento – e como esses aplicativos são usados por homens gays. Ao suprir ausências temporal e superficialmente, os relacionamentos em aplicativos socio-virtuais contribuem para a sensação de solidão no indivíduo. “A proposta favorece a criação de identidades virtuais que podem ao mesmo tempo emancipar o criador e aprisionar o outro que acreditou naquela verdade” (CAVALCANTI, 2017).

Agora estamos em 2020, depois de um “hiato criativo” feito por Rico. Comemorando os 5 anos do EP *Modo Diverso*, de 2015, Rico Dalasam lança uma edição comemorativa, em 2020, com novas versões das músicas já lançadas. Aqui uma versão em específico me despertou um sentimento que eu não tinha sentido antes, na música *Reflex* (2020), com a participação de Jup do Bairro, os versos "Existem corpos que nunca viverão o amor de forma horizontal / Muito cruel, eu sei bem / Mas talvez esse sentimento criado por vocês não tenha sido para ser vivido em plenitude por todos / O amor escolhe, prefere, exclui e cancela" entoados por Jup, me trazem uma reflexão profunda sobre a acessibilidade do amor para certos grupos de pessoas marginalizadas pela sociedade, como os corpos periféricos, pretos, travestis e outros corpos preteridos. Uso Fanon(2011) para me ajudar a colocar a culpa dessa dor na violência colonial, quando debate a necessidade de superar a fixação em um passado de sofrimentos e o apego forçado à negritude.

Horizontalidade e verticalidade podem guiar a análise do discurso da letra dessa

música. A horizontalidade, num espaço de dois corpos, se refere a troca de afeto entre esses como um “intercâmbio de emoções e sentimentos, doando e recebendo”. A verticalidade, por sua vez, representa “um esquema onde um corpo está no topo e outro embaixo”. O belo é o ponto vital para o primeiro fator, pois segue a fórmula dos que estão em cima, já o feio segue a fórmula da oposição, do contraste, do marginal. “A horizontalidade do amor não é para todos, nem todos os corpos saberão o que é ser amado, simplesmente pelo fato de não atingirem o nível mínimo necessário para senti-lo, corpos marginalizados são marginais porque estão à margem de tudo — até mesmo à margem dos que são amados” (COSTA, 2022).

A canção menciona que talvez o sentimento do amor, tal como foi criado pela sociedade dominante, não tenha sido concebido para ser vivido em plenitude por todos, aponta para a exclusão estrutural e sistemática enfrentada por determinados grupos. Fanon (2011) acredita que esse é um amor que pode até não existir, mas sim sua representação colonial, o poder, o dinheiro, a dignidade. Essa exclusão pode ser resultado de normas sociais, preconceitos arraigados e desigualdades que perpetuam a marginalização de certos corpos e suas experiências amorosas. Reafirmando ao cantar que “o amor escolhe, prefere, exclui e cancela”, ressaltando a complexidade do amor e como ele pode ser seletivo, perpetuando desigualdades e injustiças.

Colocando o amor como uma condição social, influenciado por gênero, sexualidade, fatores sociais, culturais e históricos que privilegiam alguns e marginalizam outros.

Rico lança em 2021 o *Dolores Dala o Guardião do Alívio*. Não imaginava que esse iria se tornar o meu disco favorito. Nas palavras de Soares(2022) *DDGA* (2021) é

“um manifesto de Rico Dalasam em primeira pessoa no qual percebemos que as relações interpessoais — que são parte da realidade que entendemos como cotidiana ou comum — também podem ser territórios de confrontos e enfrentamentos — aqui relacionados às identidades raciais e a homossexualidade — que estão inscritos historicamente e que, por isso e ao mesmo tempo, fazem parte de uma temporalidade social que existe para além das narrativas do rapper.”

No interlúdio *Não é Comigo*(2021) onde apresenta uma conversa em áudio, Rico reclama “Vai querer em algum momento da sua vida, da sua vivência social, você vai tentar dar uma suavizada na minha presença” dando a entender que falta uma aceitação e/ou revelação da sexualidade do parceiro.

---

Ele traz à tona a questão da consciência racial e como isso pode influenciar a dinâmica social e a forma como as pessoas se relacionam. Ao mencionar que a pessoa que está do outro lado da linha "não swinga no social da coisa", Rico aponta para a falta de familiaridade e compreensão da realidade e experiência social que ele, como uma pessoa preta, vivencia. Essa expressão pode ser interpretada como uma forma de dizer que a pessoa branca não está plenamente inserida ou não compreende completamente os desafios e as complexidades que os indivíduos pretos enfrentam diariamente na sociedade. Um relacionamento interracial não é sinônimo de que o racismo acabou nem de que o antirracismo venceu.

Felizmente, há pessoas não negras que se despiram de seu racismo de formas que lhes permitem criar laços de intimidade baseados em sua capacidade de amar a negritude sem assumir o papel de turista cultural. Ainda está por vir uma quantidade significativa de textos destes indivíduos que relatem como mudaram suas atitudes e resistem, numa vigilância diária, a voltar a contribuir com a supremacia branca (hooks, 2019 p. 58)

O racismo estrutural discutido por Almeida (2019) é percebido aqui. A partir disso podemos também debater o quanto é importante reconhecer que almejar a cultura do outro pode resultar em um distanciamento de sua própria cultura, levando a um fascínio e desejo de aproximação que pode levar à autonegação e ao embranquecimento.

Ao mencionar as "águas que vêm de baixo", ele se refere às oportunidades e recursos que estão mais acessíveis para aqueles que enfrentam desigualdades e marginalização devido ao racismo, e ainda nesse contexto homofobia. Essas "águas" simbolizam as limitações e obstáculos impostos por uma estrutura social que perpetua a discriminação e a desigualdade racial e de gênero. Em "águas que vêm de cima", se refere às oportunidades e vantagens que são mais facilmente disponibilizadas para pessoas brancas na sociedade.

Destacando a disparidade de oportunidades e as barreiras enfrentadas por pessoas pretas devido à estrutura racista em que vivemos. Acesso a recursos, poder e privilégios para determinados grupos, enquanto outros têm mais facilidade em alcançar essas mesmas oportunidades. De acordo com Brito(2020), o homem negro é marcado duplamente pela violência.

“Vejo isso pelas trajetórias de outros homens pretos que conheci e que acabaram presos ou em situação de drogadição por conta disso. Além do mais, nossos corpos são extremamente sexualizados; somos



---

desumanizados. Então somos vistos obrigatoriamente como máquinas de fazer sexo e precisamos performar isso. E tem que ser o sexo hétero. Algumas mulheres, quando descobrem que um homem negro é gay, logo reagem dizendo que um negão assim ser gay é um desperdício.” (BRITO, 2020, online).

A faixa *Última vez* (2021) que sucede o interlúdio *Não é comigo* (2021) se inicia com o cantor abordando a unilateralidade presente em um relacionamento, possivelmente o desfecho para a faixa anterior. "Marca um rolê e me chama / Me leva pro teu universo / Toda vez é na minha cama / Dá um jeito de ser o inverso", descreve uma assimetria de poder e controle na dinâmica do relacionamento, o que – nesse disco - é uma questão recorrente discutida e denunciada por Rico. Esse amor negligenciado é discutido por bell hooks. “Abuso e negligência anulam o amor. Cuidado e apoio, o oposto do abuso e da humilhação, são as bases do amor” (hooks, 2021, p.64)

Nessa faixa, a pessoa mencionada é constantemente convidada a participar da vida e dos espaços da outra pessoa, enquanto suas próprias experiências e espaços são negligenciados. Essa dinâmica reforça a falta de equilíbrio e de compartilhamento de poder na relação, colocando a pessoa mencionada em uma posição de submissão e desvalorização. Essa abordagem reforça a necessidade de reflexão e questionamento sobre as dinâmicas de poder e controle presentes nos relacionamentos, especialmente no contexto de desigualdades sociais e culturais.

No verso "Me conta tudo mas me esconde", Rico Dalasam expressa uma ambiguidade na comunicação e na partilha de informações dentro de um relacionamento. A frase sugere que, apesar de haver uma aparente disposição para compartilhar detalhes e experiências, existe uma ocultação de algo relevante, nesse caso – o próprio relacionamento, por parte da outra pessoa. Estar solteiro, atualmente, pode significar não aceitar amores pela metade para continuar sendo inteiro sozinho. É sobre entender ser digno de receber todo amor que merece e afeto que necessita. A libertação ocorre quando o indivíduo não se contenta com a margem, uma vez que merece o oceano inteiro (MUNDO NEGRO, 2021).

Nos versos "Só chama pra ser seu PF / Diz que eu sou BFF / Quando 'cê chega em casa de moto Eu penso: "tomara que me leve" / Me passa feito um TikTok / Fudendo com meu tico e teco" Rico Dalasam aborda questões relacionadas ao amor, afeto, resistência e relações casuais, considerando o contexto de sua identidade como uma pessoa homossexual e negra. Ao explorar uma possível relação interracial entre dois homens, a

---

música oferece espaço para discutir como os homens lidam com o amor e a resistência ao afeto, particularmente dentro do recorte de gênero, já que historicamente, o estereótipo da masculinidade tem sido associado à ideia de frieza emocional e resistência ao envolvimento afetivo.

A facilidade com que os homens têm acesso a relações casuais, especialmente por meio de aplicativos de encontros rápidos, também é um aspecto abordado na música. Essas plataformas proporcionam uma forma rápida e conveniente de encontrar parceiros, mas também podem levar a uma desconexão emocional e superficialidade nas interações, já que muitas vezes se baseiam principalmente em aparência física e satisfação imediata. Ideia que ganha poder quando Rico canta "Quando a vida aperta, a mente chama quem? Quando a noite acaba sem, tu chama quem?", nos versos seguintes. Retornando a reflexão sobre o papel do desejo sexual e a busca por conexões efêmeras e superficiais dentro do contexto do amor vazio e líquido, sugerindo que muitas vezes se recorre ao sexo casual como uma forma de alívio.

“Declaro agora o fim das tentativas. Pela situação em que estive e melhorei, quando levei fé em algum canal. Por quando me curei sozinho por não levar jeito pra ser neguinho cobaia”, afirma o artista, no material de divulgação do EP *Fim das Tentativas*. Chegamos a 2022.

Na principal música de trabalho desse EP, Rico parece se despir do peso de estar em uma relação onde ele sustentava um amor unilateral e assim usaremos *Tarde D+* (2022) como a última música analisada neste trabalho.

Se inicia de forma direta onde se pode interpretar e identificar rastros de hiperssexualização ao corpo do homem preto, quando canta "Embala os beíço em outro / Vinte centímetros de amor". Nesse sentido, a referência a "vinte centímetros de amor" está relacionada à associação estereotipada do tamanho do órgão masculino negro. Rico faz uso da associação, que está enraizada em estereótipos raciais e na objetificação sexual do corpo do homem preto, para trazer à tona a problemática da objetificação do corpo e a simplificação das relações afetivas e sexuais a aspectos meramente físicos (FANON, 2008).

Na faixa, Rico comemora: "No compasso ágil se alguém me preterir / Hoje já sei mais o jeito / E com todo respeito / Vou aonde sou aceito / A beleza chegou pra mim", expressando uma valorização do seu próprio crescimento e consciência de si mesmo. É o famigerado amor próprio que bell hooks apresenta, aparecendo aqui. Rico ainda afirma

---

que, se alguém o preterir ou o rejeitar com base em sua identidade racial, sexual ou de gênero, ele tem a confiança para seguir em frente, se mostrando mais maduro que em qualquer outra faixa. “A arte e a prática de amar começa com nossa capacidade de reconhecer e afirmar a nós mesmos” (hooks, 2014, p. 154).

A faixa desfecho para todas as dores que Dalasam cantou anteriormente em outros projetos mostra como a consciência criada por ele no decorrer do processo o permite rejeitar ambientes e relacionamentos que o colocam em uma posição de marginalização ou preterimento. Essa atitude de autenticidade e busca por espaços inclusivos reflete uma compreensão profunda de sua própria identidade e uma rejeição à opressão e à marginalização. Declarando o enterro de um ex-amor que o assustava, Rico descreve esse relacionamento passado como um capítulo ridículo que estragou um vinho bom. “Declaro o enterro de um ex-amor que assustava-me / Um capítulo ridículo, que estragou um vinho bom”, aponta para mais metáforas, dessa vez em paralelo às experiências negativas que esse amor trouxe, e que de certa forma está deixando de existir. A ideia de que ser maltratado, ofendido, menosprezado e ao mesmo tempo ser amado por uma pessoa é normalizada, pois faz parte do amor romântico sofrer. Mulheres negras tendem a sustentar relacionamentos interracialis regados de abusos, dos quais o racismo é a base. “Nós negros não podemos cair nessa fantasia de aceitar o racismo vindo daqueles dizem nos amar” (RIBEIRO, 2019).

Podendo ainda ser interpretado como "ex-amor" não apenas um relacionamento romântico específico, mas também todas as experiências e vínculos tóxicos que causaram dor e sofrimento em sua vida. Ele reconhece que esse capítulo foi ridículo, ou seja, não teve sentido ou valor verdadeiro em sua vida, e lamenta o fato de ter estragado um "vinho bom", referindo-se a momentos felizes ou oportunidades positivas que foram afetadas ou arruinadas por essa situação. Curioso pensar que na primeira música, do primeiro EP de Dalasam, Não posso esperar de 2015, que analisamos anteriormente neste trabalho ele cita uma marca de vinhos que pode ser ligado diretamente a esse “vinho bom” que foi estragado aqui.

Acredito que a mais inteligente das hipóteses e teorias criadas em torno das letras de Ricardo, é a possível interpretação dos versos "Só quero mais bolo de chocolate, sem açúcar e leite" onde pode envolver uma possível leitura sobre preferências e identificação cultural. Ao mencionar o "bolo de chocolate", Rico Dalasam pode estar utilizando uma metáfora para expressar seu desejo por relacionamentos ou conexões afrocentradas, onde

---

o chocolate simboliza a negritude. A afrocentricidade é uma discussão criticada por bell hooks:

"Ao falar sobre afrocentricidade bell hooks tece uma crítica ao modo como nacionalistas negros estão tentando enfrentar a crise de identidade/representação que negros estadunidenses sofrem, segundo a autora esses grupos apostam numa representação unitária da negritude, a universalização da experiência branca, o apagamento das formas africanas de conhecer e construção de uma narrativa utópica e idealizada de África. (...) A autora chega a concordar que muitas críticas afrocentradas auxiliam na destruição do eurocentrismo, mas ela discorda quando estas são feitas a partir de essencialismos" (ZACARIAS, 2021, p. 106-107).

Na música, a menção a "sem açúcar e leite" a partir desse novo momento da vida, onde ele já apresentou durante toda a letra uma maturidade, pode ser interpretada como uma forma de afirmar sua rejeição a relacionamentos ou interações que sejam caracterizados por características ou influências que ele não se identifica ou não deseja mais experimentar. Nesse contexto, pode-se inferir uma perspectiva de afirmação da identidade e valorização de relações que ressoem com sua própria experiência racial e cultural. Não necessariamente isso pode falar de uma ideia de que a partir desse ponto, o autor não vai mais se relacionar com pessoas brancas. Mas sim, de uma noção de maturidade ao se relacionar com pessoas de outros meios sociais, levando em consideração as análises apresentadas das músicas dos tópicos anteriores. Finalizo o capítulo deixando explícito que me coloco enquanto refém dessa subjetividade para pensar ponto de vista a partir da ótica de bell hooks. A partir de qual perspectiva política sonhamos, observamos, criamos e agimos? Em qual contexto estamos inseridos. Para aqueles que ousam desejar de maneira diferente, que buscam desviar o olhar das formas convencionais de enxergar a negritude e nossas identidades, a questão da raça e da representação vai além da mera crítica ao status. Acreditar que o amor cura, como já foi reafirmado diversas vezes durante a pesquisa em referência a bell hooks, trata-se também de transformar as imagens, criar alternativas e questionar quais tipos de imagens devem ser subvertidas, apresentando alternativas críticas e transformando nossas visões de mundo, afastando-nos de pensamentos dualistas de bom e mau. É a maturidade sendo adquirida com a vida. E se houve pouco progresso, é porque temos transformado as imagens sem alterar os paradigmas, sem mudar perspectivas e formas de ver (hooks, 2019, p. 36).

---

[...] a base de todo amor em nossa vida é a mesma. Não há amor especial reservado exclusivamente para parceiros românticos. O amor verdadeiro é a base de nosso envolvimento com nós mesmos, com a família, com os amigos, com companheiros, com todos que escolhemos amar. Embora necessariamente nos comportemos de forma diferente dependendo da natureza da relação, ou tenhamos diferentes graus de compromisso, os valores que orientam nosso comportamento, quando baseados numa ética amorosa, são sempre os mesmos para cada interação. E um dos relacionamentos românticos mais longos da minha vida, me comportei de maneira mais tradicional, colocando-o acima de todas as outras interações. Quando ele se tornou destrutivo, achei difícil ir embora. Eu me vi aceitando comportamentos (abuso físico e verbal) que não toleraria em uma amizade (hooks, 2021, p. 167- 168).

Ter *Tarde D+* (2022), como a minha música favorita de Rico, funciona como a comemoração do fim desse amor ruim que estragou um vinho bom, como ele mesmo compara para se referir a esse ciclo de violências. Como comemoração a um amor próprio que chegou sabendo que podemos nos dar o amor incondicional que é fundamento para a aceitação e a afirmação sustentadas. Quando nos damos esse presente precioso, somos capazes de alcançar os outros a partir de um lugar de satisfação, e não de falta (hooks, 2021, p. 106-107). Dalasam se mostra um agente de mudanças e transformações ao decidir encerrar relacionamentos abusivos e expor em uma canção empoderada que comemora o aprendizado que veio com a dor. E se não tivesse doído tanto?

Dalasam explora suas emoções e expressa reclamações e denúncias, utilizando a arte do rap como um veículo de revolução. Ao adotar uma abordagem qualitativa, embasada na análise de discurso, foi possível desvelar os mecanismos discursivos presentes nas músicas selecionadas, revelando as formas de violência, exclusão, limitação e apropriação presentes na sociedade racista que vivemos. Reconheço a importância de Rico, em desafiar estereótipos de gênero e sexualidade, promovendo uma mensagem de fortalecimento que impacta outros indivíduos que se identificam com vivências, como eu.

Penso que ao encontrar no rap, na vivência de favela e na cultura hip hop um lugar seguro estamos pensando em uma rede de apoio criada através de um movimento que é plural, diverso, autêntico e acima disso, é estético. É uma cura coletiva. De acordo com Rose (1997), a cultura marginal desempenha um papel significativo na formação dessas redes comunitárias, que servem como base para os novos movimentos sociais. Por sua vez, hooks (2012) destaca a necessidade da vivência comunitária como uma resposta à crise cultural, argumentando que a cura individual não ocorre de forma isolada. Através do engajamento com os outros, a compaixão, o perdão, a escuta atenta, a inclusão e outros

ingredientes se unem para possibilitar a experiência da alegria da comunidade. Dessa forma, ambos os autores ressaltam a importância da comunidade como um espaço de transformação e cura coletiva.

Considero também dar destaque para como Rico reivindica e reinventa a representação social do corpo do homem negro e traz o afeto nesse lugar de desconstrução da hiperssexualização, além de construir performances que desafiam estereótipos de binariedade e exalam autonomia, beleza e muito poder sobre si.

Eu nunca disputei determinados lugares. As pessoas acham que o que me difere dentro do rap é o fato de eu ser um rapper gay, antes fosse, mas não é. É que eu não disputo determinados lugares, não é do meu interesse. Porque disputar lugares está sendo disputado imaginários de masculinidades. A maioria desses códigos não me interessam e é isso que me difere. Disputar lugares que estão baseados em performance de masculinidades. A curva é feita nesse instante, o som sai de outro jeito, a foto, o clipe. (DALASAM, 2021, online)

Além de uma pesquisa acadêmica, usei o especialmente esse lugar para realizar um desabafo por uma vivência afetiva autêntica, sem as amarras impostas pelo amor branco. O amor branco que mesmo entre pessoas racializadas, tem sido adotado como um modelo a ser seguido, e mesmo que seja um modelo falho, ele se enraizou no solo fértil do racismo estrutural de nossa sociedade.

Entendo essa pesquisa como contribuição importante para a ampliação do conhecimento acadêmico acerca das relações entre afeto e raça, sexualidade e identidade, evidenciando o poder da arte, da comunicação e da música como ferramentas de expressão, resistência e transformação social. E acredito na relevância de trazer à tona e abordar de significativa essa discussão no âmbito do pensamento decolonial, uma vez que o afeto envolvendo pessoas pretas enfrenta desafios significativos relacionados às premissas da colonialidade. Ainda reafirmo a urgência na necessidade de construir formas de relacionamento, sexualidade e afetividade que sejam genuínas para nós, bichas pretas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019. 256 p. Coleção Feminismos Plurais

BATISTA, Paula Carolina. **O QUILOMBISMO EM ESPAÇOS URBANOS – 130 ANOS APÓS A ABOLIÇÃO**. Extraprensa, São Paulo, v. 2, p. 397-416, Set 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2019.153780>. Acesso em: 17 jun. 2023.

---

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, f. 165, 2017. 329 p.

BRITO, Alan Alves. **Diferentes grupos discutem formas mais saudáveis de identificação social. Entrevista concedida a Bárbara Lima**. Jornal da Universidade. Jan-Fev, 2020.

BRITO, Lucas Lustosa de; CRUZ, João Lúcio Mariano. **ESPELHO DE DIFERENÇAS: LÁZARO RAMOS ENTREVISTA RICO DALASAM**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 12, Florianópolis, 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Sexual Politics: African Americans, Gender, and the New Racism**. Routledge, v. 3, f. 250, 2004. 500 p.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador : EDUFBA, 2008. p. 19

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edicoes Loyola, v. 1, f. 42, 1996. 84 p

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Editora Elefante, v. 3, f. 136, 2021. 272 p.

hooks, bell. **Intelectuais Negras**. Revista Estudos Feministas, v. 3, n. 2, 1995.

hooks, bell. **Olhares negros: Raça e representação**. Editora Elefante, v. 3, f. 178, 2019. 356 p.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia**. Campinas, SP, Pontes, 2012. 239p.

**QUANDO é que o afeto chega para nós, mulheres negras?** Mundo Negro. 2021. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/quando-e-que-o-afeto-chega-para-nos-mulheres-negras/>. Acesso em: 20 mai. 2023

RIBEIRO, Milton. **“EU DECIDO SE ‘CÊS VÃO LIDAR COM KING OU SE VÃO LIDAR COM KONG” HOMENS PRETOS, MASCULINIDADES NEGRAS E IMAGENS DE CONTROLE NA SOCIEDADE BRASILEIRA\***. Revista Humanidades e Inovação, v. 7, 2020. n. 25.

RIBEIRO, Stephanie. **Não confunda amor com racismo em relacionamentos interracialis**. Plano feminino. 2019. Disponível em <<https://www.planofeminino.com.br/nao-confuda-amor-com-racismo-em-relacionamentos-interraciais/>> Acesso em: 21 maio 2023.

**Rico Dalasam comemora 5 anos de álbum que marcou o início da cena queer rap no Brasil**. PAPEL POP. 2020. Disponível em: <https://www.papelpop.com/2020/12/rico-dalasam->

---

comemora-5-anos-de-album-que-marcou-o-inicio-da-cena-queer-rap-no-brasil/. Acesso em 25 de junho de 2023.

**RICO Dalasam lança ORGUNGA: orgulho que vem depois da vergonha.** RAP NA RUA, 2016. Disponível em: <https://rapnarua.com.br/rico-dalasang-lanca-orgungua-orgulho-que-vem-depois-da-vergonha/>. Acesso em 30 de maio de 2016.

RICO DALASAM. **Honestamente.** Orgungua: 2016(4:05).

RICO DALASAM. **Não é comigo.** Dolores Dala Guardiã do Alívio: 2021 (1:34).

RICO DALASAM. **Não Posso Esperar.** Modo diverso: 2015(3:42).

RICO DALASAM. **Não vem brincar de amor.** Balanga Raba- EP: 2017(1:51).

RICO DALASAM. **Reflex.** Modo diverso 5 anos: 2020 (3:03).

RICO DALASAM. **Tarde D+.** Fim das Tentativas: 2022 (3:08).

RICO DALASAM. **Última vez.** Dolores Dala Guardiã do Alívio: 2021 (2:58).

RICO Dalasam: **O rapper fala sobre como desafiou as barreiras da pobreza, do racismo e da homofobia.** Revista Apartes, São Paulo, jan-fev 2017. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/apartes-antiores/revista-apartes/numero-23/no23-com-palavra-ri-co-dalasang/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SILVA, Kamila Dinucci Correia. **A música negra brasileira e a diáspora africana: Quando o corpo e os passos nos contam histórias.** PORTA GELEDÉS, 23 outubro 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-musica-negra-brasileira-e-a-diaspora-africana-quandoo-corpo-e-ospassos-nos-contam-historias/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

SIMÕES, Lucas. **Conheça o rapper Rico Dalasam: negro, rapper e gay.** O Tempo. Belo Horizonte, ano 2015, 23 dez. 2015. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/entretenimento/magazine/conheca-o-rapper-rico-dalasang-negro-rapper-e-gay-1.978021>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SOARES, Emerson Luiz Lacerda. **Enfrentamentos de raça e sexualidade nas narrativas de Dolores Dala Guardiã do Alívio (DDGA), de Rico Dalasam.** 2022. 70p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

SOARES, Victor Hugo Leite de Aquino. **MAR ABERTO: Diáspora Negra e(m) Imagens no Audiovisual e no Teatro.** Brasília. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - PPG-CEN) -Universidade de Brasília.

SOUSA, Bárbara Léia Lopes de. **“A importância da representatividade para os grupos minoritários: uma revolução na construção de identidades.”** Repositório Institucional da UFPB, 2 abril 2020, <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17617>. Acesso em 20 maio 2023.